

# SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA: IDENTIDADE E POLITIZAÇÃO DE UM CLUBE DE FUTEBOL

## SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA: IDENTITY AND POLITICIZATION OF A FOOTBALL CLUB

PÂMELA CAMARGO SOARES\*

**Resumo:** O presente artigo<sup>1</sup> busca debater sobre as possíveis relações entre noções de identidades, futebol e política, utilizando-se do Sport Club Corinthians Paulista como objeto de análise. Buscamos perceber como as identidades clubística e política dos torcedores se encontram e se compõem, de modo que o Corinthians, através de narrativas de memória de sua história, busca se reafirmar como um clube popular e constantemente alinhado às pautas progressistas. Este sentido pode ser percebido tanto nas ações oficiais do clube-instituição, quanto nas ações voluntárias da massa torcedora, de maneira que a conexão entre tais identidades seriam formadas e reconhecidas pelos torcedores, ao mesmo tempo em que os forma. Buscamos também apontar para uma percepção de como o futebol se mostra como um importante objeto para entender as ações humanas, sejam as individuais, ou as coletivas.

**Palavras-chave:** Identidade. Política. Futebol.

**Abstract:** This article seeks to debate the possible relationships between notions of identities, football and politics, using Sport Club Corinthians Paulista as an object of analysis. We seek to understand how the fans' club and political identities meet and compose themselves, so that Corinthians, through memory narratives of its history, seeks to reaffirm itself as a popular club and constantly aligned with progressive agendas. This meaning can be perceived both in the official actions of the club-institution, and in the voluntary actions of the fans, so that the connection between such identities would be formed and recognized by the fans, at the same time that it forms them. We also seek to point to a perception of how football is an important object for understanding human actions, whether individual or collective.

**Keywords:** Identity. Policy. Soccer.

### Introdução

A história cultural, a partir dos anos 1970, busca realizar análises historiográficas através da perspectiva das tradições, interpretações e experiências culturais da humanidade<sup>2</sup>. Neste sentido, o futebol pode ser visto como um forte indicador cultural. Assim, aponto que o

---

\* Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo.  
email: pamelacamargosoares@hotmail.com.

O presente artigo é uma versão reduzida e revisada da monografia da autora.

<sup>1</sup> O presente artigo é uma versão reduzida e revisada da monografia da autora.

<sup>2</sup> BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

esporte se apresenta como lugar de presença e ação humana, proporcionando uma demonstração sobre a história e as sociedades. Pensando nessa lógica em relação ao papel do futebol como um grande formador de identidades, o principal objetivo aqui proposto é perceber, através das Representações<sup>3</sup> e narrativas, de que forma as identidades clubísticas, comunicadas pelo clube-instituição, relacionam-se com as identidades políticas dos torcedores progressistas.

Neste artigo, utilizo o Sport Club Corinthians Paulista como objeto de análise ao percebê-lo como um clube que busca constantemente afirmar e reafirmar as identidades clubísticas nos torcedores, sempre conectadas com sua própria formação histórica. Seja ao se apresentar como um “clube do povo”, criado por trabalhadores urbanos da cidade de São Paulo, ou com eventos que marcam sua história política e representativa, como a Democracia Corinthiana, ou ainda, por se manifestar publicamente a favor da democracia, ou em defesa de minorias políticas, o clube costuma propor essa busca pela criação de um significado amplo dos sentidos de ser um torcedor do Corinthians, sempre relacionado não apenas ao esporte e aos jogos, mas a uma formação de identidade. Ao longo do texto, apresento tópicos e ideias para confirmar tais interpretações sobre o clube.

### Metodologia

O presente artigo utiliza-se de uma abordagem qualitativa de pesquisa científica, relacionada aos debates da História Cultural, mais especificamente da Nova História Cultural,<sup>4</sup> fundamentada em uma revisão de literatura, isto é, uma reunião, comparação e identificação entre os principais trabalhos já realizados sobre o assunto, buscando ambientar a pesquisa aos debates científicos mais relevantes e mais recentes a respeito do tema. Destacamos a importância do *Ludopédio*<sup>5</sup> para a realização de boa parte deste trabalho metodológico de pesquisa, afinal, o site é um portal que reúne os mais diversos tipos de trabalhos científicos relacionados ao futebol enquanto objeto de estudos, sendo uma das principais fontes em que foram pesquisados, encontrados e selecionados os trabalhos aqui utilizados e devidamente citados na sessão final de referências bibliográficas.

Enfim, tal metodologia foi então baseada em uma abordagem interpretativa dos mais diversos acontecimentos que movimentam, criam e transformam as identidades no futebol.

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1987.

<sup>4</sup> CHARTIER, Roger. Op.cit.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/>>. Acesso: 28 jun. 2023.

Além disso, utilizou-se das representações identitárias do clube-instituição, presentes no site oficial do Corinthians, bem como duas matérias sobre a Democracia Corinthiana, presentes no jornal *Folha de S.Paulo*; a matéria da edição n. 709 da revista *Placar*, de 23 de dezembro de 1983.

### Conceituando identidades

O *Dicionário do pensamento social do século XX* traz em si uma seção para pensar as noções de identidade. Parte-se da ideia de que a palavra “identidade” vem do latim *idem*, de onde sai também a palavra “igual”. Sendo assim, um interessante ponto inicial para tratarmos do assunto é pensar na identidade como uma relação e assimilação do “outro”. Isso significaria entender que a identidade, ou ainda, as identidades, tanto individuais quanto coletivas, são formadas por processos de reconhecimento.

[...] essa palavra tem uma longa história filosófica que examina a permanência em meio à mudança e a unidade em meio à diversidade, mas no período moderno está estreitamente ligada à ascensão do individualismo, e considera-se que sua análise tem início com os textos de John Locke e David Hume. É só no século XX, porém, que ela entra em uso popular, reforçado especialmente desde os anos 50, na América do Norte, com a publicação de livros como *The Lonely Crowd* (Riesman *et al.*, 1950) e *Identity and Anxiety* (Stein *et al.*, 1960). Estes, ao lado de muitas outras obras de literatura e teatro, documentavam a crescente perda de significado na sociedade de massa e a posterior busca de identidade; e durante esse período, a palavra tornou-se amplamente utilizada em descrições dessa busca de determinar “quem a pessoa realmente é”[...].<sup>6</sup>

Mesmo com as transformações que a ideia de identidade sofre desde seu significado filosófico mais remoto, que buscava relacioná-la à ideia de permanência, passando pelas influências do individualismo e pela busca humana por traçar características que determinam a especificidade de cada um, as noções gerais sobre identidade atualmente parecem misturar esses pólos, de modo que em todos eles a ideia das identidades formadas em processos relacionais aparenta fazer sentido. Seja em busca de uma continuidade, ou de definir individualidades em oposição com os “outros”, o processo passa pelo contato, a relação, e de alguma forma a troca com esses “outros”, ainda que em busca de se identificar pela oposição.

Foi, porém, o psico-historiador Erik Erikson quem mais desenvolveu a ideia. Ele viu a identidade como “um processo ‘localizado’ no cerne do indivíduo e, contudo, também no cerne de sua cultura comunal, um processo que estabelece, na verdade, a identidade dessas duas identidades” (1968, p.22). Ele desenvolveu a expressão “crise de identidade” durante a Segunda Guerra Mundial com pacientes que haviam “perdido” o senso de igualdade pessoal e de vida “como parte de seu modelo epigenético de estágio de vida – os oito estágios do homem”.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> BOTTOMORE, T; GELLNER, E; NISBET R; OUTHWAITE, W; TOURAINÉ A. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p.369.

<sup>7</sup> *Idem*.

Começemos pensando nos significados que permeiam o torcer no futebol. Simone Hashiguti aponta:

Para pensar o “torcer por um time de futebol” como uma prática discursiva e o futebol como um tipo de discurso, cabe ter claros os sentidos de sujeito e de processos de produção de sentido-identificação em Análise de Discurso. O sujeito discursivo, por ser de linguagem, é incompleto, já que a característica da linguagem é também a de ser incompleta. Sujeito e sentido não são formas ou entidades que existem prontos, possibilitando a existência de sentidos literais e de identidades sociais estanques, pois “se configuram ao mesmo tempo” (Orlandi, 1998: 205), no espaço de relação entre a língua e a história. Para fazer sentido, o sujeito é interpelado, se inscrevendo em redes de significação, as formações discursivas, e entrando necessariamente num funcionamento de produção de sentido que é sempre de relação a.<sup>8</sup>

O torcer não é então irracional e ilógico, mas é expressivo e carregado de significados. A autora segue dizendo:

A identificação, nesse sentido, é o que surge dessa inscrição nas redes de significação. É quando “o sentido faz sentido” (Orlandi, 1998: 206). Assim funciona a identificação do sujeito com a posição discursiva “torcedor”. Ocupar a posição sujeito-torcedor, ou não, de time de futebol, discursivamente, não é uma questão de escolha consciente. O sujeito se filia pelo próprio funcionamento do processo discursivo, por uma identificação com uma rede de sentidos que identifica um grupo (uma instituição) e o identifica.<sup>9</sup>

No livro *Comunidades imaginadas*, o historiador Benedict Anderson busca entender o fenômeno do nacionalismo, e para isso, formula a ideia de “comunidades imaginadas”, afirmando que as comunidades nacionais existem no imaginário das pessoas, antes de virem a existir territorialmente. O autor mostra como o nacionalismo, para além de um projeto político, é um sentimento, um fenômeno baseado em emoções identitárias. Assim, antes das nações serem inventadas, elas são imaginadas, de forma que elas não se legitimam por serem “verdadeiras” ou “falsas”, mas sim por fazerem sentido na formação das identidades individuais e coletivas. Ao explicar por que considera as nações imaginadas, Anderson diz:

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles.<sup>10</sup>

Igor José de Renó Machado também aponta que o futebol proporciona a criação de laços entre os indivíduos como “aliados virtuais”, de forma que um simples olhar para um desconhecido na rua que esteja utilizando uma camisa do seu time do coração proporciona identificação ao se reconhecerem como “torcedores” do mesmo clube e criando

<sup>8</sup> HASHIGUTTI, Simone. Futebol no Brasil: sentidos e formas de torcer, n. 14, v. 1. **Rua** [online], 2008, p. 2.

<sup>9</sup> *Idem.*

<sup>10</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 32.

automaticamente um sentimento de serem, como nomeia o autor, “cidadãos futebolísticos”, unidos por uma mesma nação imaginada.

### **Sport Club Corinthians Paulista**

Início falando um pouco sobre a história do Corinthian Football Club, um clube de futebol fundado em 1882, em Londres, que era um time amador e que possuía como principal missão levar o futebol para o mundo todo através de excursões. Em uma de suas excursões pelo Brasil, o Corinthian chamou a atenção de cinco trabalhadores brasileiros: Joaquim Ambrósio, Carlos da Silva, Rafael Perrone e Anselmo Correia. Estes, funcionários de uma oficina mecânica da Lapa; e Antônio Pereira, empreiteiro e pintor de paredes. Esses trabalhadores, inspirados pela atuação e pela filosofia do time inglês, decidiram se unir. Em 1º de setembro de 1910, fundaram, no bairro de Bom Retiro, o Sport Clube Corinthians Paulista.<sup>11</sup>

[...] o Sport Club Corinthians Paulista, que surge como associação esportiva e cultural no bairro do Bom Retiro e se posiciona inicialmente como um clube de bairro, havendo inclusive, por parte de alguns dos seus fundadores, uma forte resistência em filiar-se a APSA, pois isto poderia descaracterizá-lo como clube representativo do bairro onde nasceu (Negreiros, 1992). No entanto, apesar dessa resistência inicial, com o seu crescimento e a sua consolidação como um grande clube, deixa o bairro do Bom Retiro e se instala na Zona Leste da cidade, região que surge e se desenvolve a partir das vilas de operários que se formaram em torno das fábricas que se instalaram ao longo das ferrovias que cortavam a cidade no começo do século passado.<sup>12</sup>

A vida do clube se mistura com os acontecimentos do país, a expansão da urbanização e as questões políticas vindas com o crescimento da classe trabalhadora. A ideia do clube também se mostrava inusitada, já que os cinco fundadores queriam um time de negros e brancos, então, como aponta Guterman,<sup>13</sup> “seriam ‘clube dos operários’, o ‘clube do povo’ não tinha sede nem dinheiro, mas tinha time e vontade de ingressar naquele fechadíssimo círculo do futebol da elite que já apaixonava a cidade”. O estatuto do clube previa que ele seria aberto para todos, “não se observando nacionalidade, religião ou política”, já se mostrando extremamente inovador para a época.

Seguindo o raciocínio, aqui já apresentado, de que as identidades são formadas e transformadas a partir das relações, sejam elas de reconhecimento ou através das oposições, buscamos analisar mais profundamente o fenômeno da rivalidade no futebol como algo

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.corinthians.com.br/clube/historia>. Acesso em: 12 mar. 2024.

<sup>12</sup> LOUZADA, Roberto. *Op.cit.*, p. 20-21.

<sup>13</sup> GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.

essencial para a construção e a reafirmação das identidades. No contexto do futebol, nota-se que a rivalidade entre os clubes é essencial não apenas para a lógica do jogo e do torcer, mas para a reafirmação das identidades clubísticas através da ideia de não ser o rival.

[...] a rivalidade entre os torcedores de futebol funda-se basicamente no modo como a diferença entre as identidades clubes é percebida pelas torcidas. É na identificação com um clube que uma pessoa torna-se torcedor e, ao fazer a escolha por um clube, se predispõe a se opor aos diferentes. Formam-se “tribos” com crenças e tradições particulares. Uma olha para outra com desprezo e superioridade.<sup>14</sup>

Ainda pensando nos fatores históricos como importantes pontos para se entender que identidade corinthiana seria esta a qual nos referimos aqui, e ainda o que ela comunica, é importante se falar das raízes históricas da existência do *derby*, palavra originada das corridas de cavalos, e hoje utilizada para se referir à grandes disputas esportivas; é o apelido dado pelo jornalista Tomás Mazzoni aos jogos entre o Corinthians e o Palmeiras, maiores rivais um do outro.<sup>15</sup> Guterman<sup>16</sup> aponta que a rivalidade entre os times surge quando imigrantes são atraídos pela industrialização de São Paulo. Sendo o Corinthians, desde sua formação, um time de proletários, e o então Palestra Itália, atual Palmeiras, um clube de torcedores da colônia italiana na cidade de São Paulo, a rivalidade é dada por uma “oposição entre o elemento local, nativo, e o elemento estrangeiro em ascensão”, e uma disputa de mercado de trabalho entre esses dois tipos de trabalhadores.

No entanto, a análise da documentação encontrada até agora deixa claro que na trajetória de Corinthians e Palmeiras, a construção das memórias de cada equipe passou por uma situação semelhante à descrita pelo antropólogo norte-americano Sahlins sobre a trajetória de atenienses e espartanos: trata-se de uma competição cismogênica, na qual os relatos, memórias e identidades de cada clube foram construídos em uma relação de ponto e contraponto entre duas equipes, pela qual, a história e/ou a trajetória de um clube se definiu na negação da história/trajetória do outro clube. E, o mais interessante, os elementos que os aproximam foram deliberadamente apagados da memória oficial dos clubes no decorrer do século XX.<sup>17</sup>

Sabe-se ainda que o título de “time do povo” é dado – e disputado – a vários clubes, sendo também, por vezes, um título político; e ainda que os três times possuam torcedores de todas as camadas e classes sociais, nota-se que a representação desses mitos existir até hoje, usada pelas próprias torcidas como estigmas e formas de identificação, indica, por exemplo,

<sup>14</sup> LOUZADA, Roberto. *Op.cit.*, p. 5.

<sup>15</sup> “Thomaz Mazzoni”, **Museu do Futebol**. São Paulo, SP: Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/470604/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

<sup>16</sup> GUTERMAN, Marcos. *Op.cit.*

<sup>17</sup> STREAPCO, João Paulo França. “Cego é aquele que só vê a bola.” **O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S.C. Corinthians Paulista, S.E. Palmeiras e São Paulo F.C. (1894-1942)**. 2010. 220 p. (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p.131.

como o Corinthians faz questão de criar e firmar uma identidade baseada em sua origem popular e independente.

É importante também perceber que os torcedores não são meros reprodutores da memória histórica do clube que lhes é apresentada, mas também são criadores dela, de modo que mais uma vez afirmamos: indivíduos compõem suas identidades através dos elementos institucionais, ao mesmo tempo em que as instituições compõem suas identidades coletivas através das identidades individuais. Assim, os hinos e os cantos de arquibancadas, utilizados por João Manuel Casquinha Malaia Santos e Alex Lopes Granja,<sup>18</sup> são fontes de história oral para se entender a identidade corinthiana e a percepção que os torcedores têm de si mesmos. Para melhor entender esse ponto, os autores abordam um dos principais cantos que a torcida utiliza nas arquibancadas, que é o seguinte canto: “Ôh, ôh, ôh, ôh, corinthiano, maloqueiro, sofredor, graças a Deus!” A ideia do “maloqueiro”, indica o corinthiano como alguém ligado às camadas mais populares de São Paulo, já que esta é uma gíria utilizada para identificar “marginal que vive ou pernoita em maloca (‘esconderijo’),”<sup>19</sup> muitas vezes associado a alguém que faz pequenos roubos. Sendo um time popular e periférico, o Corinthians já foi – e ainda é – por várias vezes associado à criminalidade, pela ideia preconceituosa de que nas regiões mais pobres, a criminalidade é maior. O que vemos aqui é um grupo se apropriando de palavras e ideias que eram utilizadas como ofensa e como forma de inferiorizá-lo, e ressignificando essas palavras e ideias como marcas identitárias, demonstrando orgulho por serem associados a isso, e neste caso em específico, orgulho da identidade que o time proporciona, bem como sua origem e todos os significados que esta origem carrega, pensando nisso, torna-se ainda mais claro como essas questões mais tarde se traduzem em um discurso político alinhado às causas da população pobre, trabalhadora e marginalizada, que é o que acontece com a torcida corinthiana.

O estigma do “sofredor”, aparece aliado à ideia de “guerreiro”, que aparece como uma característica do que significa ser corinthiano, de modo que esta palavra aparece na página de identidade do site oficial do clube.<sup>20</sup> O Corinthians seguiu crescendo mesmo nos anos de baixa do time, isto é, quando os resultados em campo não iam bem. Um dos mais famosos episódios

---

<sup>18</sup> SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; GRANJA, Alex Lopes. "Maloqueiro e sofredor": memórias, identidades e oralidades de uma torcida de futebol. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, v. 29, n. 2, 2016.

<sup>19</sup> SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; GRANJA, Alex Lopes. "Maloqueiro e sofredor": memórias, identidades e oralidades de uma torcida de futebol. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, v. 29, n. 2, 2016.

<sup>20</sup> CORINTHIANS. Clube-Identidade. *Sport Club Corinthians Paulista*, São Paulo, SP: 2024. Disponível em: <https://www.corinthians.com.br/clube/identidade>. Acesso: 28 jun. 2023

da história do clube foram os 23 anos que o Corinthians passou sem conquistar títulos de grande expressividade. O fim do episódio conhecido como “jejum de 23 anos” foi em 1977,<sup>21</sup> mas ainda assim a torcida não diminuiu de número nesse período. Pelo contrário, ela cresceu, sagrando assim a ideia do torcedor corinthiano como “sofredor” e “guerreiro”, com episódios como a famosa “invasão de 1976”,<sup>22</sup> quando mais de 70 mil torcedores corinthianos foram até o Maracanã, no Rio de Janeiro, para assistir a um jogo da semifinal do campeonato brasileiro daquele ano, ainda dentro do período de “jejum”.

### Democracia Corinthiana

Em 31 de abril de 1964, o governo de João Goulart foi derrubado por uma ação dos militares, encerrando assim a vivência republicana no Brasil, que acontecia desde o fim do Estado Novo em 1945.<sup>23</sup> O governo militar foi marcado por ser autoritário, nacionalista, anticomunista, desenvolvimentista e de repressão e tortura a todos que faziam algum tipo de oposição ao regime. Houve os chamados “Atos Institucionais”, que eram decretos feitos ao longo da ditadura que aumentavam os poderes do governo militar.<sup>24</sup> O contexto da Democracia Corinthiana é o início dos anos 1980. Começamos a pensar a partir do governo Geisel (1974-1979), que após os conhecidos “anos de chumbo”, isto é, os anos mais repressivos da ditadura dos governos Costa e Silva (1967-1969) e Médici (1969-1974), trazia então a fala de uma preparação para uma “abertura política”, que Geisel afirmava que seria uma abertura “lenta, gradual e segura”, o que na prática significava uma possível volta ao regime democrático, mas deixando os grupos de oposição e movimentos populares excluídos dessa “democracia”.<sup>25</sup>

A década de 1980, principalmente seu início, foi marcada por uma série de movimentos populares que, mesmo em uma ditadura, buscavam se posicionar e se manifestar contra o regime, em busca da volta da democracia, com plenos direitos e participação

---

<sup>21</sup> Disponível:

<<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/listas/corinthians-teve-o-maior-jejum-de-titulos-entre-os-grandes-veja-o-top-10.htm>>. Acesso: 05 jun. 2023.

<sup>22</sup> Disponível:

<[https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/a\\_invasao\\_corinthiana\\_no\\_maracana](https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/a_invasao_corinthiana_no_maracana)>. Acesso em: 05 jun. 2023.

<sup>23</sup> REIS, Daniel Aarão. Ditadura militar, esquerdas e sociedade. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2000.

<sup>24</sup> REIS, Daniel Aarão. *Op. cit.*

<sup>25</sup> FERNANDES, Karina Ribeiro, ZANELLI, José Carlos. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. RAC, v. 10, n. 1, jan./mar. 2006, p. 55-72.



política.<sup>26</sup> Mariana Zuaneti Martins e Heloisa Helena Baldy dos Reis<sup>27</sup> comentam como, a partir de 1977/1978, o Brasil é marcado pela retomada dos movimentos grevistas, os movimentos sociais e a reconstrução do pluripartidarismo. É importante entender também que cada vez mais o projeto da ditadura ia se tornando problemático e perdendo a força; os anos de violência armada trouxeram o desgaste das Forças Armadas; a dívida externa apenas crescia; a crise econômica cresce de forma que em 1978 aconteceu o maior ciclo de greves de operários na região do ABC paulista. Era a crise da chamada “modernização conservadora”,<sup>28</sup> isto é, o fenômeno do crescimento econômico ocorrido no período da ditadura militar, uma modernização que se deu sem fugir dos modelos tradicionais de sociedade pré-industrial, na qual os proprietários rurais continuariam no centro do poder político e econômico, já que o sistema seguiu encostado no crescimento do agronegócio, mas para além disso, se refere também a esse projeto de desenvolvimento e industrialização em um governo autoritário, essa incômoda dicotomia entre um governo que se dizia liberal na economia, mas conservador nos costumes, repressivo.<sup>29</sup>

Em 1979, João Figueiredo assume o poder e, apesar de ser “linha dura”, preserva o plano de abertura, já que isto significaria que ainda assim o governo militar poderia ter um controle sobre o próximo governo a assumir, uma transição que não representasse real mudança. Entretanto, o fracasso do modelo ditatorial era uma realidade. Em 1983, a inflação passava de 200% e os movimentos populares iam se fortalecendo cada vez mais. O setor industrial e as transformações como alto crescimento urbano, principalmente nas metrópoles como São Paulo, se desenvolvem, trazendo a explosão da camada proletária.<sup>30</sup> Interpretamos aqui que é possível afirmar que esse cenário social remete ao cenário do início do século XX, isto é, o crescimento urbano acelerado, fortalecimento do setor industrial e, por consequência, tanto o crescimento quanto o fortalecimento das camadas proletárias e populares, bem como o desejo dessa parcela da população em se fazer vista e participante da vida do país, são características semelhantes do momento em que o Sport Clube Corinthians Paulista foi fundado, em 1910.

Em 1981, o Corinthians vinha de um péssimo desempenho nos campos, até que em abril de 1982, Waldemar Pires é eleito o novo presidente do clube, após anos de presidência de

---

<sup>26</sup> MARTINS, Mariana Zuaneti; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. *A Democracia Corinthiana: futebol e política*. Coleção Esporte e Ciências Humanas: AutorEsporte, 2017.

<sup>27</sup> MARTINS, Mariana Zuaneti; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. *Op. Cit.*

<sup>28</sup> MOORE JR, B. *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. São Paulo. 1975.

<sup>29</sup> REIS, Daniel Aarão. *Op. Cit.*

<sup>30</sup> REIS, Daniel Aarão. *Op. cit.*

Vicente Matheus.<sup>31</sup> Pires coloca o sociólogo Adilson Monteiro Alves na função de diretor de futebol do clube. Era o início de uma grande mudança.<sup>32</sup> Adilson tinha ideias mais democráticas a respeito da participação dos jogadores no time, por isso, já no início de 1982, faz uma reunião na qual propõe uma administração participativa. Assim, inicia-se no clube um período em que todas as decisões importantes eram tomadas através do voto igualitários entre os membros do time. Temas como a eliminação das concentrações pré-jogo, as contratações de novos jogadores, o consumo de bebidas alcoólicas, dentre outros, eram discutidos e as decisões tomadas pelo voto da maioria.<sup>33</sup> A Democracia Corinthiana levou ao debate interno os mais diversos assuntos. Andrew Downie, no livro biográfico de Sócrates, diz que “foram discutidas ideias inéditas como o fim da concentração, a diminuição das enormes discrepâncias salariais no elenco e o oferecimento aos jogadores de um percentual da bilheteria”.<sup>34</sup>

Outro aspecto de destaque no decorrer da Democracia Corinthiana, e na tentativa de expansão da mesma, foi a decisão tomada pelos jogadores, em votação, de se dividir o bicho de campeonatos que fossem vencidos entre os funcionários do clube, não só entre os jogadores. O bicho é um montante de dinheiro advindo de premiações por conquistas de títulos, ou mesmo boas colocações nos campeonatos, que tradicionalmente é distribuído entre os jogadores que atuaram no campeonato, como forma de incentivar bons resultados. A partir dessa decisão, massagistas, roupeiros, funcionários da limpeza, entre outros, costumeiramente com uma condição social bem mais humilde que a dos jogadores, passaram a receber parte dessa verba, uma vez que na percepção do movimento também influenciavam no futebol jogado.<sup>35</sup>

Mariana Zuaneti Martins e Heloisa Helena Baldy dos Reis,<sup>36</sup> comentam que a Democracia Corinthiana não poderia ser considerada como um “movimento social” em si, já que não há nela uma “ação política contenciosa” e nem uma “rede de solidariedade que extrapole o elenco”, as autoras, entretanto, lançam uma relação entre a elevação dos movimentos sindicais e a Democracia Corinthiana, já que esta, se relaciona diretamente com o Novo Sindicalismo e suas manifestações; além do grande envolvimento dos jogadores na gestão do sindicato dos atletas profissionais do estado de São Paulo.

### Figuras de destaque:

#### Adilson Monteiro Alves

Adilson Monteiro Alves foi levado por Waldemar Pires para se tornar diretor de futebol no Corinthians, em 1981, apesar da pouca experiência com o futebol em si, pois ele era um

<sup>31</sup> GOZZI, Ricardo; Sócrates. **Democracia corintiana**: a utopia em jogo. Boitempo. 31 dezembro 2002.

<sup>32</sup> GOZZI, Ricardo; Sócrates. *Op. Cit.*

<sup>33</sup> GOZZI, Ricardo; Sócrates. *Op. Cit.*

<sup>34</sup> DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021, p. 167.

<sup>35</sup> FERNANDES, Daniel Saran. **Futebol e política se discutem: o caso da Democracia Corinthiana**. 2017. 59 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciência Política) - Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, Brasília. 2017. p. 38.

<sup>36</sup> DOWNIE, Andrew. *Op. Cit.* p.167.

intelectual. Sociólogo, foi uma figura fundamental para a formação e o funcionamento da Democracia Corinthiana. Mais do que trazer noções políticas para o clube e o elenco, ele, que também possuía uma fábrica de biscoitos, deu aos jogadores a possibilidade de se expressarem e opinarem sobre o que poderia melhorar na gestão e na relação do clube e do elenco em geral. Essa foi a característica que mais marcou o que começava a acontecer no Corinthians: um cenário de participação, uma democracia.

A disposição de Adilson para considerar ideias tão radicais foi apenas uma das razões para que os jogadores o aceitassem rapidamente. Ele ainda estava na casa dos trinta anos de idade, pouco mais velho do que os jogadores que lideraria, era aberto, ambicioso e sensato. Havia sido um estudante ativista, tinha um senso de humor mordaz e o fato de usar barba era um sinal inquestionável de liberalismo num país em que o adereço ainda era exclusivamente de roqueiros, hippies e comunistas. Em sua apresentação aos jogadores, ele disse: “Eu conheço biscoitos e sociologia, mas não futebol. Então me digam o que estamos fazendo de errado”. Foi música para os ouvidos de Sócrates, que imediatamente respondeu: “Nós temos uma solução, vamos começar a exercer.”<sup>37</sup>

### Sócrates

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, também conhecido como “doutor Sócrates” ou “Magrão”, foi uma das figuras mais marcantes não apenas da história do Corinthians, mas do futebol mundial. Formado em medicina, logo recebeu o apelido de “doutor” como um trocadilho, primeiro por ser um médico que abandonou a medicina, pois preferiu seguir a paixão de ser jogador de futebol, e também como uma referência à sua inteligência e genialidade no futebol. Era um doutor porque tinha muito a ensinar.<sup>38</sup>

O primeiro – não por importância, mas por reconhecimento externo e midiático – é Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, talvez um ponto fora da curva, com um nome que trazia filosofia e nacionalismo na sua construção enquanto indivíduo. Um jogador considerado craque, que trazia uma bagagem incomum quando comparado com seus pares. Formado em Medicina pela Universidade de São Paulo – Campus Ribeirão Preto (USP), optou pela carreira de futebolista, mas sem abandonar a curiosidade e questionamento que são – ou deveriam ser – parte de cientistas, não importando a área.<sup>39</sup>

Sócrates pode ser considerado a “alma” do time corinthiano da Democracia. Ele foi o responsável pelas principais articulações das ideias democráticas, alinhando a genialidade de Wladimir com a rebeldia de Casagrande. Sócrates era um líder nato, além de ser uma figura profundamente politizada e midiática. Sabia aliar essas duas características a fim de que as noções de liberdade alcançassem a maior quantidade de pessoas. Sócrates queria levar ideais de liberdade para seus colegas jogadores, mas queria também utilizar de sua posição para ser

<sup>37</sup> DOWNIE, Andrew. *Op. Cit.* p.167.

<sup>38</sup> FERNANDES, Daniel Saran. *Op.cit.*, p. 34.

<sup>39</sup> FERNANDES, Daniel Saran. *Op.cit.*, p. 34.

um representante do povo.<sup>40</sup>

Seu ativismo coincidiu com um crescente clamor por mudanças em todos os setores da sociedade brasileira. Os bons tempos tinham acabado, com a economia encolhendo pela primeira vez em mais de trinta anos e a inflação anual saltando para 100%. Os ditadores pareciam cada vez mais anacrônicos e, quanto mais se agarravam ao poder, mais insatisfação geravam. Em 1982, o governo imprimiu mais dinheiro do que jamais tinha feito e baniou a importação de muitos produtos estrangeiros, numa tentativa de proteger a indústria local. Os aluguéis dobraram, os preços de alimentos dispararam e o racionamento de petróleo novamente voltou para as primeiras páginas. A voz de Sócrates foi uma das mais ouvidas. Pela primeira vez na história do Brasil, um esportista tinha um megafone e os torcedores estavam prestando atenção.<sup>41</sup>

Uma das principais marcas e ações altamente politizadas de Sócrates, o grande representante desse movimento, era o fato de que ele costumava comemorar seus gols erguendo o punho, um sinal que expressa resistência, força coletiva e que, além disso, se tornou um famoso símbolo antifascista – originalmente ligado e popularizado pelos Panteras Negras como símbolo da luta antirracista –, sendo muito utilizado entre os setores de resistência da esquerda. Sócrates morreu em 4 de dezembro de 2011, e há uma lenda de que em seus últimos dias, lutando contra complicações médicas no hospital, o ex-jogador e ídolo corinthiano havia dito: “Eu quero morrer num domingo, num dia em que o Corinthians ganhe um título.” Em uma das belas ironias históricas, foi exatamente isso que aconteceu. O clube ganhou o pentacampeonato brasileiro no dia 4 de dezembro de 2011. Ao receberem a notícia da morte, os jogadores que estavam em campo prestaram uma homenagem com um minuto de silêncio e o punho esquerdo erguido.<sup>42</sup>

### Wladimir

Wladimir Rodrigues dos Santos começou sua carreira ainda nas categorias de base do Corinthians. Sempre se mostrou extremamente politizado, por isso estava envolvido com o sindicato dos jogadores de futebol em diversos momentos. Wladimir possuía uma consciência de que, como jogador, ele também era um trabalhador, e parecia apresentar certa consciência de classe trabalhadora. Todas essas características fizeram com que ele, que até os dias atuais é o jogador com maior números de jogos pelo Corinthians (806 jogos), imediatamente se aproximasse e fizesse grande amizade com Sócrates. Wladimir também era muito engajado na luta *black power* no Brasil. Se Sócrates era a “alma” do movimento democrático corinthiano, Wladimir era o cérebro, de forma que as primeiras ideias que levariam à Democracia

<sup>40</sup> DOWNIE, Andrew. Op.cit. – Obra já citada. p.223.

<sup>41</sup> DOWNIE, Andrew. Op.cit. – Obra já citada. p.223.

<sup>42</sup> CARDOSO, Tom. **Sócrates**. Editora Objetiva. 23 out. 2014.

Corinthiana em si parecem ter surgido através de conversas entre Wladimir e Sócrates sobre política, com grande participação do jogador sindicalista, já acostumado a uma vivência política e a enxergar a profissão, para além dos campos, com uma grande função social, e os jogadores como cidadãos.<sup>43</sup>

O segundo é Wladimir Rodrigues dos Santos. Jogador negro, também trazia uma experiência incomum para a profissão, uma vez que atuava no movimento sindicalista na região do ABC Paulista (...) altamente politizado, era um cidadão que já tinha um contato com estruturas participativas em outros ambientes de trabalho. Para José Paulo Florenzano – em fala no documentário “Democracia em Preto e Branco” –, Wladimir é fundamental no processo tanto da democracia corinthiana, quanto na própria construção de Sócrates enquanto indivíduo pensante e questionador.<sup>44</sup>

### Casagrande

Walter Casagrande Júnior, mais conhecido apenas como Casagrande, também começou sua carreira nas categorias de base do Corinthians. Seus excelentes resultados em campo fizeram com que ele fosse levado ao time principal quando ainda era muito jovem. A rebeldia e a personalidade independente refletiam o impulso de um torcedor corinthiano jovem que a Democracia Corinthiana precisava para se estabelecer ainda mais.<sup>45</sup> O jogador não apenas entregava bons resultados no futebol, mas era a representação de uma juventude questionadora e irreverente, demonstrando isso até mesmo pelo fato de ser um grande apaixonado pelo gênero musical rock, um estilo não muito comum entre os jogadores mais velhos, mas que vinha crescendo em meio à juventude e era uma grande marca de representação da rebeldia e da inadequação.<sup>46</sup>

Por fim, Walter Casagrande Junior trazia para o grupo a percepção de um jovem, questionador por natureza e rebelde por estilo – o rock. Em um momento em que a juventude era tão reprimida por suas formas de expressão, Casagrande era visto como vagabundo e indisciplinado.<sup>47</sup>

Logo se juntou às figuras de Wladimir e Sócrates, formando o famoso trio da Democracia Corinthiana. Os três construíram uma amizade especialmente profunda, de modo que Casagrande, sendo o mais jovem, era uma espécie de “irmão mais novo” dos outros dois. E se Sócrates era a “alma” e Wladimir o “cérebro” do movimento, Casagrande era o “coração”. Repleto de paixão e fôlego juvenil, era também profundamente politizado e expressava isso em campo, como informa Sócrates em seu livro:

Naquela mesma noite, no gramado do Pacaembu, o Corinthians venceu o Juventus

<sup>43</sup> FERNANDES, Daniel Saran. *Idem*.

<sup>44</sup> FERNANDES, Daniel Saran. *Idem*.

<sup>45</sup> FERNANDES, Daniel Saran. *Idem*.

<sup>46</sup> FERNANDES, Daniel Saran. *Op. cit.*, p.35

<sup>47</sup> FERNANDES, Daniel Saran. *Op. Idem*.

por 2 a 0. Os gols foram marcados por Zenon, aos 5, e Casagrande, aos 9 do segundo tempo. Em protesto contra o golpe, após marcarem seus gols, Zenon e Casagrande não comemoraram, apenas saíram andando, como se nada tivesse acontecido. Foi a forma que o time encontrou de protestar contra as manobras antidemocráticas de Matheus e sua trupe.<sup>48</sup>

Daniel Saran Fernandes completa que esses três principais nomes, que tiveram um maior alcance midiático com suas atuações, são representações perfeitas dos principais grupos que se levantaram em resistência à ditadura militar.

Nesses três destaques, percebemos grupos igualmente importantes na sociedade brasileira naquela época: o intelectual, o sindicalista e o jovem. Três esferas sociais marcadas pelo questionamento e combate ao que está posto. Exatamente os grupos que começaram a se unir no final do governo Geisel, dando força um à manifestação do outro, estavam representados – e eram representantes – no grupo de jogadores que compunham o Corinthians.<sup>49</sup>

As transformações no âmbito político-social do Brasil não paravam, até que dezoito anos após o início da ditadura aconteceriam eleições, no dia 15 de novembro, para os governos estaduais.<sup>50</sup> Os jogadores do Corinthians entraram em campo, nas cinco partidas que antecederam o dia da votação, com uma camisa escrita “dia 15 vote” nas costas, mais tarde a censura chegou a proibir a camisa, mas a mensagem já havia sido comunicada. No livro *Democracia Corintiana: a utopia em jogo*, o ex-jogador Sócrates comenta que esse episódio da camisa desagradou o governo militar.

Segundo Pires, a campanha cívico-social pelo voto causou constrangimento e preocupação na cúpula militar que governava o país. “O brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND) na época, me chamou no Rio de Janeiro e disse: ‘vocês não podem utilizar esse espaço para fins políticos’. Ele pediu que tirássemos a mensagem e nós o fizemos. Mas logo em seguida conseguimos começar a vender aquele espaço. As empresas compravam apenas por alguns jogos. Como o Corinthians começou a ir bem nos campeonatos e a se classificar para muitas finais, era um ótimo negócio para os patrocinadores.”<sup>51</sup>

A camisa era mais do que uma forma de manifestação ou de expressão; era também uma forma de se comunicar com a população e a torcida corinthiana, trazendo um processo educativo. Para uma população que desconfiava das eleições e que já havia perdido o costume de votar e participar das decisões do governo, aquela era uma propaganda importantíssima e um grande incentivo, partindo de um dos maiores clubes de futebol do Brasil. O Corinthians parecia, literalmente, vestir a camisa em prol da democracia. Outro episódio importante foi em 1983. No jogo de final do campeonato paulista, o time do Corinthians entrou em campo

<sup>48</sup> GOZZI, Ricardo; Sócrates. *Op. Cit.* p. 95.

<sup>49</sup> FERNANDES, Daniel Saran. *Idem.*

<sup>50</sup> GOZZI, Ricardo; Sócrates. *Op.cit.*, p.77.

<sup>51</sup> GOZZI, Ricardo; Sócrates. *Op.cit.*, *Idem.*

segurando uma grande faixa que carregava a frase “ganhar ou perder, mas sempre com democracia”.<sup>52</sup>

A mídia da época não podia ignorar a Democracia Corinthiana e seus efeitos, como observamos, por exemplo, em duas matérias sobre a Democracia Corinthiana, presentes no jornal *Folha de S.Paulo*, sendo uma de 01 de abril de 1983,<sup>53</sup> na qual o jornal comenta que a democracia acontecia em campo; e a outra matéria de 23 de maio de 1984,<sup>54</sup> já nos momentos finais da Democracia Corinthiana, em que o jornal aponta que, mesmo abalada, ainda havia aqueles que lutavam e acreditavam na importância e representatividade da mesma. No âmbito da mídia esportiva especializada, podemos citar a matéria da edição n.º 709 da revista *Placar*, de 23 de dezembro de 1983,<sup>55</sup> intitulada “O bi da democracia”, que apresenta o bicampeonato paulista que o Corinthians havia ganhado naquele ano com o time da Democracia Corinthiana e mostra a importância desta para as vitórias do clube, chegando a comentar: “Um grupo de jogadores realmente original e alguns dirigentes que acreditam no que fazem levam o Corinthians ao bicampeonato paulista, certos de que, se a democracia não ganha jogo, é muito melhor perder com ela.”<sup>56</sup>

A participação dos jogadores da Democracia Corinthiana nas pautas e nas manifestações sociais do período chama a atenção em como ela se tornou uma marca de grande influência e representatividade para fora dos campos também. Nomes como Sócrates, Wladimir, Casagrande, Zenon, Juninho e Ataliba estavam costumeiramente presentes em manifestações, como podemos observar no envolvimento deles com o famoso movimento que ficou conhecido como “Diretas Já!” e que lutava pelo voto direto para presidente nas eleições de 1985, através da emenda constitucional Dante de Oliveira. Em 1983, acontece a primeira grande manifestação das “Diretas Já!”, exatamente na Praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu, que, até o Corinthians vir a construir a Neo Química Arena, em 2014, era considerado informalmente pela torcida corinthiana como o estádio do Corinthians.

O envolvimento foi tão grande, que em um dos últimos comícios pelas “Diretas Já!”, Sócrates, que estava no auge de sua carreira, tanto no Corinthians como na Seleção Brasileira, e havia recebido uma proposta para jogar em um time italiano, chega a discursar prometendo

---

<sup>52</sup> Disponível em:

<https://ludopedio.org.br/arquibancada/ganhar-ou-perder-mas-sempre-com-democracia-a-torcida-corinthiana-e-o-processo-de-redemocratizacao-da-sociedade-brasileira/> Acesso em: 28 jun. 2023.

<sup>53</sup> Democracia em campo. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 01 abr. 1983.

<sup>54</sup> A democracia corinthiana sobrevive. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 23 mai. 1984.

<sup>55</sup> O bi da democracia. **Placar**. São Paulo, 23 dez. 1983.

<sup>56</sup> O bi da democracia. **Placar**. São Paulo, 23 dez. 1983.

que se a emenda Dante de Oliveira fosse aprovada pelo congresso, ele não iria embora do país, coisa que não se concretizou, já que apesar de toda a movimentação nas ruas, das manifestações e pedidos populares, a emenda não foi aprovada, chocando a massa da população e deixando o jogador desapontado. Por fim, ele acabou indo jogar na Itália:

Cabe ressaltar também que, mesmo não tendo atingido o seu objetivo primário, o movimento das Diretas Já demonstrou toda força da população unida, e acabou por, junto com outros fatores, obrigar o processo de abertura democrática. Mesmo que com o voto indireto, Tancredo Neves foi o primeiro presidente civil desde 1964, pelo PMDB, partido da oposição, derrotando Paulo Maluf, candidato do PSD, o partido da ditadura.<sup>57</sup>

A ida de Sócrates para a Itália, o enfraquecimento de toda a ideologia da Democracia Corinthiana, bem como o cenário político nacional fizeram com que ela chegasse ao fim oficialmente em 1985, com a saída de Wladimir Pires da presidência do clube, dando lugar à Roberto Pasqua, que era o candidato da ala conservadora do Corinthians e que era contra a continuidade da Democracia Corinthiana. Sócrates conta que apesar de o governo do clube ter mudado e se voltado para a ala conservadora novamente, isso não foi bem aceito pela torcida.

Apesar de os conservadores estarem satisfeitos com o fim formal da Democracia Corinthiana, os torcedores não compartilhavam aquele sentimento. A polícia foi obrigada a proteger a porta do ginásio do Corinthians. Ao mesmo tempo em que aplaudiam Adílson Monteiro Alves e seus correligionários, os torcedores aproveitavam para xingar os conselheiros que haviam votado em Pasqua. O então presidente eleito foi obrigado a sair pela porta dos fundos do ginásio escoltado por uma viatura do Garra, o Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos da Polícia Civil de São Paulo.<sup>58</sup>

Em 2020,<sup>59</sup> uma manifestação das torcidas organizadas no estado de São Paulo aconteceu na Avenida Paulista, com a presença de diversas torcidas de clubes de futebol. A Corinthiana foi uma das mais presentes, com algumas de suas principais torcidas organizadas encabeçando o movimento. A manifestação possuía um caráter antifascista e de contestar o governo do então presidente Jair Bolsonaro, enquanto em 2021, em meio a uma onda de manifestações no dia 7 de setembro, com caráter ultranacionalista, conservador e de apoio ao então presidente, além da torcida do Corinthians participar de manifestações contrárias a estas, as redes sociais oficiais do clube postaram a famosa foto que postam nos aniversários da ditadura, mais uma vez afirmando o caráter democrático e politizado com o qual o clube se posiciona.<sup>60</sup>

<sup>57</sup> FERNANDES, Daniel Saran. *Op.cit.*, p. 46.

<sup>58</sup> GOZZI, Ricardo; Sócrates. *Op.cit.*, p. 150.

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-52899944>>. Acesso: 07 jun. 2023.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://twitter.com/Corinthians/status/1435396220508323842>. Acesso em: 28 jun. 2023.



### Considerações finais

O futebol, para além do jogo que acontece em campo, possui em si uma dimensão de significados construídos e principalmente manifestados pelo esporte. Sendo as identidades, individuais e coletivas, construídas e transformadas pela identificação, mas acima de tudo pelo contato com o “outro”, nota-se a capacidade do futebol de ser um grande formador de identidades.

É nesse sentido de construção de significados em um universo próprio que podemos concluir a importância do futebol na formação das identidades, tanto individuais quanto coletivas. O Sport Club Corinthians Paulista se apresenta aqui como objeto de análise por manifestar de forma clara essa relação entre as construções identitárias, em especial, as identidades clubísticas e as identidades políticas, principal objetivo desta pesquisa. Desta forma, seja pela história, pela memória, pelas práticas, hinos e manifestações da torcida, o Corinthians milita desde sua fundação uma identidade muito determinada e associada com a classe operária e as questões políticas e sociais de interesse desta classe, de tal modo que isso foi se desenvolvendo ao longo dos anos e dos acontecimentos, alcançando uma clara relação política entre a identidade corinthiana e diversas pautas populares e progressistas.

### Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BOTTOMORE, T; GELLNER, E; NISBET R; OUTHWAITE, W; TOURAINÉ A.
- Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1987.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 22, 1994. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/22/02-damatta.pdf>>.
- DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. História política do futebol brasileiro. Rio de Janeiro, **Record: Revista de História do Esporte**. v. 1, n. 1, jun. 2008.
- DOWNIE, Andrew. **Doutor Sócrates**. Tradução André Kfourri. Campinas: Editora Grande Área, 2021, p. 167.
- FERNANDES, Daniel Saran. “Futebol e política se discutem”: o caso da Democracia Corinthiana. 2017. 59 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciência Política) - Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília. Brasília. 2017.
- FERNANDES, Karina Ribeiro, ZANELLI, José Carlos. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. **RAC**, v. 10, n. 1, jan./mar. 2006, p. 55-72.
- GOZZI, Ricardo; Sócrates. **Democracia corinthiana: a utopia em jogo**. São Paulo: Boitempo,

2002.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HASHIGUTTI, Simone. **Futebol no Brasil**: sentidos e formas de torcer. **Rua** [online]. n. 14, v. 1, 2008.

KRAUSE, Guilherme Kurtz. **O futebol como um meio construtor de identidades**. 2010. Trabalho de Conclusão de Graduação (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27741>.

LOUZADA, Roberto. **Identidade e rivalidade entre os torcedores de futebol da cidade de São Paulo**. *Esporte e Sociedade*. Identidade e Rivalidade. Ano 6, n. 17, mar/ag. 2011.

MACHADO, Igor José de Renó. Futebol, clãs e nação. **Dados** [online]. 2000, v. 43, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52582000000100006>>. 02 ago. 2000.

MARTINS, Mariana Zuaneti; DOS REIS, Heloisa Helena Baldy. **A Democracia Corinthiana**: futebol e política. Coleção Esporte e Ciências Humanas: AutorEsporte, 2017.

NETTO, Antônio Jordão. Corinthians, corinthianismo: breve ensaio sociológico.

**Ludopédio**, São Paulo, v. 18, n. 3, 2010.

PANTOJA, Augusto Sarmento. Mais branco do que preto na ditadura militar brasileira: a Democracia Corinthiana, o sindicalismo, a rebeldia e o rock and roll. **FuLiA/UFMG**, v.4, n.3, set.dez., 2019.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2000.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; GRANJA, Alex Lopes. "**Maloqueiro e sofredor**": memórias, identidades e oralidades de uma torcida de futebol. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 29, n. 2, 2016.

SANTOS, João Manoel Malaia Casquinha. O "Time do Povo": vantagem competitiva na construção e manutenção da identidade do Sport Club Corinthians Paulista. **SemeAd**. out. 2014.

STREAPCO, João Paulo França. "**Cego é aquele que só vê a bola**". O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S.C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F.C. (1894-1942). 2010. 220 p. (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.